

BENEDITO RODRIGUES DA SILVA NETO  
(ORGANIZADOR)

# A MEDICINA VOLTADA À PROMOÇÃO DA SAÚDE E DO BEM-ESTAR 2



BENEDITO RODRIGUES DA SILVA NETO  
(ORGANIZADOR)

# A MEDICINA VOLTADA À PROMOÇÃO DA SAÚDE E DO BEM-ESTAR 2



**Editora chefe**

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

**Editora executiva**

Natalia Oliveira

**Assistente editorial**

Flávia Roberta Barão

**Bibliotecária**

Janaina Ramos

**Projeto gráfico**

Bruno Oliveira

Camila Alves de Cremo

Luiza Alves Batista

**Imagens da capa**

iStock

**Edição de arte**

Luiza Alves Batista

2023 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do texto © 2023 Os autores

Copyright da edição © 2023 Atena

Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena Editora pelos autores.

Open access publication by Atena

Editora



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição-Não-Comercial-Não-Derivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação com base em critérios de neutralidade e imparcialidade acadêmica.

A Atena Editora é comprometida em garantir a integridade editorial em todas as etapas do processo de publicação, evitando plágio, dados ou resultados fraudulentos e impedindo que interesses financeiros comprometam os padrões éticos da publicação. Situações suspeitas de má conduta científica serão investigadas sob o mais alto padrão de rigor acadêmico e ético.

**Conselho Editorial****Ciências Biológicas e da Saúde**

Profª Drª Aline Silva da Fonte Santa Rosa de Oliveira – Hospital Federal de Bonsucesso

Profª Drª Ana Beatriz Duarte Vieira – Universidade de Brasília

Profª Drª Ana Paula Peron – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof. Dr. André Ribeiro da Silva – Universidade de Brasília

Profª Drª Anelise Levay Murari – Universidade Federal de Pelotas

Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás

Profª Drª Camila Pereira – Universidade Estadual de Londrina

Prof. Dr. Cirênio de Almeida Barbosa – Universidade Federal de Ouro Preto

Profª Drª Daniela Reis Joaquim de Freitas – Universidade Federal do Piauí  
 Profª Drª Danyelle Andrade Mota – Universidade Tiradentes  
 Prof. Dr. Davi Oliveira Bizerril – Universidade de Fortaleza  
 Profª Drª Débora Luana Ribeiro Pessoa – Universidade Federal do Maranhão  
 Prof. Dr. Douglas Siqueira de Almeida Chaves – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
 Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri  
 Profª Drª Elizabeth Cordeiro Fernandes – Faculdade Integrada Medicina  
 Profª Drª Eleuza Rodrigues Machado – Faculdade Anhanguera de Brasília  
 Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina  
 Profª Drª Eysler Gonçalves Maia Brasil – Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira  
 Prof. Dr. Ferlando Lima Santos – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia  
 Profª Drª Fernanda Miguel de Andrade – Universidade Federal de Pernambuco  
 Profª Drª Fernanda Miguel de Andrade – Universidade Federal de Pernambuco  
 Prof. Dr. Fernando Mendes – Instituto Politécnico de Coimbra – Escola Superior de Saúde de Coimbra  
 Profª Drª Gabriela Vieira do Amaral – Universidade de Vassouras  
 Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria  
 Prof. Dr. Guillermo Alberto López – Instituto Federal da Bahia  
 Prof. Dr. Helio Franklin Rodrigues de Almeida – Universidade Federal de Rondônia Profª Drª Iara Lúcia Tescarollo – Universidade São Francisco  
 Prof. Dr. Igor Luiz Vieira de Lima Santos – Universidade Federal de Campina Grande  
 Prof. Dr. Jefferson Thiago Souza – Universidade Estadual do Ceará  
 Prof. Dr. Jesus Rodrigues Lemos – Universidade Federal do Delta do Parnaíba – UFDPAr  
 Prof. Dr. Jônatas de França Barros – Universidade Federal do Rio Grande do Norte  
 Prof. Dr. José Aderval Aragão – Universidade Federal de Sergipe  
 Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará  
 Profª Drª Juliana Santana de Curcio – Universidade Federal de Goiás  
 Profª Drª Kelly Lopes de Araujo Appel – Universidade para o Desenvolvimento do Estado e da Região do Pantanal  
 Profª Drª Larissa Maranhão Dias – Instituto Federal do Amapá  
 Profª Drª Lívia do Carmo Silva – Universidade Federal de Goiás  
 Profª Drª Luciana Martins Zuliani – Pontifícia Universidade Católica de Goiás  
 Prof. Dr. Luís Paulo Souza e Souza – Universidade Federal do Amazonas Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande  
 Prof. Dr. Marcus Fernando da Silva Praxedes – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia  
 Profª Drª Maria Tatiane Gonçalves Sá – Universidade do Estado do Pará  
 Prof. Dr. Maurilio Antonio Varavallo – Universidade Federal do Tocantins  
 Prof. Dr. Max da Silva Ferreira – Universidade do Grande Rio  
 Profª Drª Mylena Andréa Oliveira Torres – Universidade Ceuma  
 Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
 Prof. Dr. Paulo Inada – Universidade Estadual de Maringá  
 Prof. Dr. Rafael Henrique Silva – Hospital Universitário da Universidade Federal da Grande Dourados  
 Profª Drª Regiane Luz Carvalho – Centro Universitário das Faculdades Associadas de Ensino  
 Profª Drª Renata Mendes de Freitas – Universidade Federal de Juiz de Fora  
 Profª Drª Sheyla Mara Silva de Oliveira – Universidade do Estado do Pará  
 Profª Drª Suely Lopes de Azevedo – Universidade Federal Fluminense  
 Profª Drª Taísa Ceratti Treptow – Universidade Federal de Santa Maria  
 Profª Drª Vanessa da Fontoura Custódio Monteiro – Universidade do Vale do Sapucaí  
 Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
 Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande  
 Profª Drª Welma Emídio da Silva – Universidade Federal Rural de Pernambuco

A medicina voltada à promoção da saúde e do bem-estar 2

**Diagramação:** Camila Alves de Cremo  
**Correção:** Yaiddy Paola Martinez  
**Indexação:** Amanda Kelly da Costa Veiga  
**Revisão:** Os autores  
**Organizador:** Benedito Rodrigues da Silva Neto

<b>Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)</b>	
M489	A medicina voltada à promoção da saúde e do bem-estar 2 / Organizador Benedito Rodrigues da Silva Neto. – Ponta Grossa - PR: Atena, 2023.  Formato: PDF Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader Modo de acesso: World Wide Web Inclui bibliografia ISBN 978-65-258-1005-8 DOI: <a href="https://doi.org/10.22533/at.ed.058231502">https://doi.org/10.22533/at.ed.058231502</a>  1. Medicina. 2. Saúde. I. Silva Neto, Benedito Rodrigues da (Organizador). II. Título.  CDD 610
<b>Elaborado por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166</b>	

**Atena Editora**  
Ponta Grossa – Paraná – Brasil  
Telefone: +55 (42) 3323-5493  
[www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br)  
contato@atenaeditora.com.br

## DECLARAÇÃO DOS AUTORES

Os autores desta obra: 1. Atestam não possuir qualquer interesse comercial que constitua um conflito de interesses em relação ao artigo científico publicado; 2. Declaram que participaram ativamente da construção dos respectivos manuscritos, preferencialmente na: a) Concepção do estudo, e/ou aquisição de dados, e/ou análise e interpretação de dados; b) Elaboração do artigo ou revisão com vistas a tornar o material intelectualmente relevante; c) Aprovação final do manuscrito para submissão.; 3. Certificam que os artigos científicos publicados estão completamente isentos de dados e/ou resultados fraudulentos; 4. Confirmam a citação e a referência correta de todos os dados e de interpretações de dados de outras pesquisas; 5. Reconhecem terem informado todas as fontes de financiamento recebidas para a consecução da pesquisa; 6. Autorizam a edição da obra, que incluem os registros de ficha catalográfica, ISBN, DOI e demais indexadores, projeto visual e criação de capa, diagramação de miolo, assim como lançamento e divulgação da mesma conforme critérios da Atena Editora.

## DECLARAÇÃO DA EDITORA

A Atena Editora declara, para os devidos fins de direito, que: 1. A presente publicação constitui apenas transferência temporária dos direitos autorais, direito sobre a publicação, inclusive não constitui responsabilidade solidária na criação dos manuscritos publicados, nos termos previstos na Lei sobre direitos autorais (Lei 9610/98), no art. 184 do Código Penal e no art. 927 do Código Civil; 2. Autoriza e incentiva os autores a assinarem contratos com repositórios institucionais, com fins exclusivos de divulgação da obra, desde que com o devido reconhecimento de autoria e edição e sem qualquer finalidade comercial; 3. Todos os e-book são *open access*, *desta forma* não os comercializa em seu site, sites parceiros, plataformas de *e-commerce*, ou qualquer outro meio virtual ou físico, portanto, está isenta de repasses de direitos autorais aos autores; 4. Todos os membros do conselho editorial são doutores e vinculados a instituições de ensino superior públicas, conforme recomendação da CAPES para obtenção do Qualis livro; 5. Não cede, comercializa ou autoriza a utilização dos nomes e e-mails dos autores, bem como nenhum outro dado dos mesmos, para qualquer finalidade que não o escopo da divulgação desta obra.

Sabemos que classicamente a saúde é definida pela Organização Mundial da Saúde (OMS) como “o bem-estar físico, mental e social, envolvendo algo a mais do que a mera ausência de doença”. Com esse conceito em mente podemos também definir a promoção da saúde como o conjunto de políticas, planos e programas de saúde pública com ações individuais e coletivas voltadas, para evitar que as pessoas se exponham a situações que podem causar doenças. Deste modo entendemos que promover o bem-estar populacional é bem mais que prevenir doenças.

Com este conceito abrangente em mente é que desejamos recomendar a nova obra intitulada “A medicina voltada à promoção da saúde e do bem-estar” apresentada inicialmente em dois volumes.

Se promover a saúde não se limita a melhorar apenas a saúde, mas envolve melhorar a qualidade de vida e o bem-estar, torna-se necessária uma perspectiva multidisciplinar integradas e em redes, utilizando-se das ciências biológicas, ambientais, psicológicas, físicas e médicas. Deste modo almejamos oferecer ao nosso leitor uma produção científica de qualidade fundamentada no fato de que a integridade da saúde da população aprofundando no conhecimento nas diversas técnicas de estudo do campo médico que tragam retorno no bem estar físico, mental e social da população.

Esta obra, portanto, compreende uma comunicação de dados muito bem elaborados e descritos das diversas sub-áreas da saúde.

A obra “A medicina voltada à promoção da saúde e do bem-estar” oferece ao nosso leitor uma teoria bem fundamentada desenvolvida em diversos pesquisadores de maneira concisa e didática. A divulgação científica é fundamental para o desenvolvimento e avanço da pesquisa básica em nosso país, e mais uma vez parabenizamos a estrutura da Atena Editora por oferecer uma plataforma consolidada e confiável para estes pesquisadores divulguem seus resultados.

Desejo à todos um ano de 2023 rico em conhecimento científico!

Benedito Rodrigues da Silva Neto

**CAPÍTULO 1 ..... 1****A ESCOLA COMO PROTAGONISTA DA EDUCAÇÃO EM SAÚDE NA ADOLESCÊNCIA**

Ilza Rafaely Alves da Silva  
 Amuzza Aylla Pereira dos Santos  
 Ruth França Cizino Trindade  
 Tâmara Silva de Lucena  
 Nathalia Lima da Silva  
 Joyce dos Santos Barros Silva  
 Núbia Vanessa da Silva Tavares

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.0582315021>

**CAPÍTULO 2 ..... 13****A IMPORTÂNCIA DA INTERAÇÃO TRANSPROFISSIONAL NA ELABORAÇÃO DE FERRAMENTAS DE APH**

Bruna Marina Ferrari dos Santos  
 Cristiano Hayoshi Choji  
 Vinícius Afonso dos Santos  
 Vanessa Laura dos Santos  
 Pedro Henrique Pedrini de Oliveira  
 Vitória Rosales Rosa  
 Gabriella de Lima Belussi  
 Victor Hugo Maioli  
 Igor Pereira Franco  
 Nicole da Silva Vianna  
 Marcio Ribeiro da Rocha

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.0582315022>

**CAPÍTULO 3 ..... 19****A IMPORTÂNCIA DO OFERECIMENTO DE PROJETOS DE EXTENSÃO VOLTADOS AO APH PARA A GRADUAÇÃO EM MEDICINA**

Carolina Vitoratto Grunewald  
 Cristiano Hayoshi Choji  
 Gabriella de Lima Belussi  
 Fernando Coutinho Felício  
 Lucas de Souza Zambotti  
 Bruna Marina Ferrari dos Santos  
 Priscila Buosi Rodrigues Rigolin  
 Gabriella Wasques Pereira Rodrigues  
 Nathan Gabriel Patussi Linares Pereira  
 Marcela de Almeida Lemos Azenha Milani  
 Rayssa Narah Martins e Silva

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.0582315023>

**CAPÍTULO 4 ..... 30****A IMPORTÂNCIA DO RECONHECIMENTO DO CHOQUE HEMORRÁGICO**

**PARA FORMAÇÃO ACADÊMICA EM MEDICINA**

Gabriella Wasques Pereira Rodrigues  
 Nathan Gabriel Patussi Linares Pereira  
 Débora de Lima Miranda  
 Bruna Marina Ferrari dos Santos  
 Cristiano Hayoshi Choji  
 Priscila Buosi Rodrigues Rigolin  
 Bárbara Barbosa de Souza  
 Vinícius Afonso dos Santos  
 Rafael Biral Magnoler  
 Fernando Coutinho Felício  
 Marcela de Almeida Lemos Azenha Milani  
 Mirella Cristina Coetti da Costa

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.0582315024>

**CAPÍTULO 5 .....38****ANÁLISE *IN SÍLICO* DA EXPRESSÃO DE SNORNAS EM CÂNCER DE CABEÇA E PESCOÇO REVELA POTENCIAIS MARCADORES DE PIOR PROGNÓSTICO**

Ana Gabrielly de Melo Matos  
 Eldevan da Silva Barbosa  
 Alania Frank Mendonça  
 Ana Carla Silva Jansen  
 Larissa Rodrigues de Sousa  
 Antonia Claudia da Conceição Palmeira  
 Eliel Barbosa Teixeira  
 Marcelli Geisse de Oliveira Prata da Silva  
 Thaís da Conceição Silva  
 Wesleyan Everton Duarte  
 Antonio Augusto Lima Teixeira Júnior  
 Jaqueline Diniz Pinho

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.0582315025>

**CAPÍTULO 6 .....52****ASPECTOS SOBRE ADENOVÍRUS: REVISÃO E ESTUDOS**

Thiago Christian da Silva  
 Jhonata Jankowitsch

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.0582315026>

**CAPÍTULO 7 .....64****ATUAÇÃO INTERDISCIPLINAR E UNIDADE DE PRÁTICAS INTEGRADAS: EXPERIÊNCIAS DE UM SERVIÇO ORTOPÉDICO HOSPITALAR**

Elenir Pereira Paiva  
 Fabiano Bolpato Loures  
 Helena Ferraz Chinelato  
 Laércio Deleon de Melo

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.0582315027>

**CAPÍTULO 8 .....83****COVID-19 E AS VULNERABILIDADE DE SAÚDE LGBTQIA+: UMA REVISÃO DE ESCOPO**

José Carlos da Silva Lins  
Verônica de Medeiros Alves  
Hallana Laisa de Lima Dantas  
Ingrid Martins Leite Lúcio

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.0582315028>

**CAPÍTULO 9 ..... 104****EFICÁCIA DA ORIENTAÇÃO DE ATIVIDADE FÍSICA PARA PACIENTES HIPERTENSOS POR EDUCADOR FÍSICO OU POR MÉDICO – ESTUDO RANDOMIZADO**

Paulo Sérgio Silva  
Helbert do Nascimento Lima  
Anderson Ricardo Roman Gonçalves

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.0582315029>

**CAPÍTULO 10.....116****FATORES QUE INFLUENCIAM NA QUALIDADE DO REPOUSO EM UMA PRISÃO FEMININA NO NORDESTE BRASILEIRO**

Nathalya Anastacio dos Santos Silva  
Amuzza Aylla Pereira dos Santos  
Jéssica Kelly Alves Machado  
Dayse Carla Alves Pereira Sales  
Núbia Vanessa da Silva Tavares  
Nathalia Lima da Silva  
Joyce dos Santos Barros Silva

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.05823150210>

**CAPÍTULO 11 ..... 127****IMPLICAÇÕES DO USO DE CIGARRO ELETRÔNICO NO DESENVOLVIMENTO DE DOENÇAS RESPIRATÓRIAS**

João Guilherme Patriota Carneiro  
Breno Henrique Machado Viana  
Francisco Alex Mesquita de Souza  
Gabriel Adler Rocha Gomes  
Gabriel Alcântara Souza Leite  
Jesaías Pontes Rodrigues  
Tarcísio Ramos de Oliveira  
Carlos Alberto Alves Dias Filho

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.05823150211>

**CAPÍTULO 12..... 156****INCIDÊNCIAS DE ANOMALIAS CONGÊNITAS NAS MACRORREGIÕES DO BRASIL DURANTE OS ANOS DE 2010 A 2019**

Victor Hugo Sardinha de Freitas

Cintia Zonta Baptista  
 Carmem Isis de Oliveira Vale  
 Fábio Soares Nespoli  
 Julia Rezende Azevedo  
 Marcella Prianti Kalaf  
 Thania Cristina da Silva  
 Taís Daiene Russo Hortencio

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.05823150212>

**CAPÍTULO 13..... 166**

**LEIOMIOMA ILEAL COMO CONTÉUDO DE HÉRNIA INCISIONAL: RELATO DE CASO**

João Gilberto Kazuo Aguenta  
 Guilherme Alves de Oliveira  
 Augusto Araboni Mendes Barcelos Manna  
 Pamela Renata Leite  
 Debora Duarte Melo  
 Kilder Carmo dos Santos  
 Loysleny Elias França  
 Nathália Joana Garcia Gonçalves  
 Larissa Maria Lucas  
 Raíssa Andrade Águas  
 Juni Marcos Borges Alves Nogueira  
 Rafael Henrique Rodrigues Mendonça

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.05823150213>

**CAPÍTULO 14..... 172**

**O USO DE GAMIFICAÇÃO COMO FATOR MOTIVADOR NA DISCIPLINA DE PATOLOGIA GERAL DO CURSO DE MEDICINA: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA**

Josiane dos Santos Amorim  
 Charles Neris Moreira  
 Pamera da Silva Santos  
 André Fabrício Pereira da Cruz

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.05823150214>

**CAPÍTULO 15..... 175**

**PARTICIPAÇÃO DA INFLAMAÇÃO AGUDA NA LESÃO POR ISQUEMIA E REPERFUSÃO HEPÁTICA**

Taysila Furtado  
 Maraíza Silva Gomes

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.05823150215>

**CAPÍTULO 16..... 177**

**REABILITAÇÃO CARDIOPULMONAR PÓS-COVID-19: UM ESTUDO DE CASO**

Jessica Adriana de Paiva  
 Laércio Deleon de Melo

Felipe Eduardo Taroco

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.05823150216>

**CAPÍTULO 17.....191**

**STOP THE BLEED: A IMPORTÂNCIA DA ABORDAGEM E CAPACITAÇÃO MÉDICA NA IDENTIFICAÇÃO E CONTROLE DA HEMORRAGIA QUE AMEAÇA A VIDA**

Cristiano Hayoshi Choji  
 Bruna Marina Ferrari dos Santos  
 Vinícius Afonso dos Santos  
 Bárbara Modesto  
 Rafael Biral Magnoler  
 Geane Andressa Alves Santos  
 Mirella Cristina Coetti da Costa  
 Fernando Coutinho Felício  
 Ana Carolina Munuera Pereira  
 Vitor Garcia Carrasco Oliveira  
 Marcela de Almeida Lemos Azenha Milani

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.05823150217>

**CAPÍTULO 18..... 198**

**TRATAMENTO DA HÉRNIA VENTRAL LAPAROSCÓPICA OU ABORDAGEM ABERTA?**

Esteban Vivas Eraso

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.05823150218>

**CAPÍTULO 19.....200**

**TUMOR RENAL À DIREITA COM METÁSTASE PULMONAR EM PACIENTE PEDIÁTRICO: UM RELATO DE CASO**

Leticia Rodrigues Vanini  
 Júlia Bettarello dos Santos  
 Bruna Bezerra Salviano

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.05823150219>

**CAPÍTULO 20 .....206**

**USO/ABUSO DE MEDICAMENTOS PSICOTRÓPICOS EM MULHERES ENCARCERADAS**

Nathalya Anastacio dos Santos Silva  
 Amuzza Aylla Pereira dos Santos  
 Bárbara Maria Gomes da Anunciação  
 Jéssica Kelly Alves Machado da Silva  
 Dayse Carla Alves Pereira Sales  
 Kariane Omena Ramos Cavalcante  
 Núbia Vanessa da Silva Tavares  
 Nathalia Lima da Silva

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.05823150220>

<b>SOBRE O ORGANIZADOR .....</b>	<b>218</b>
<b>ÍNDICE REMISSIVO .....</b>	<b>219</b>

# USO/ABUSO DE MEDICAMENTOS PSICOTRÓPICOS EM MULHERES ENCARCERADAS

*Data de submissão: 28/11/2022*

*Data de aceite: 01/02/2023*

**Nathalya Anastacio dos Santos Silva**

Universidade Federal de Alagoas  
Maceió- Alagoas  
<http://lattes.cnpq.br/6225640105896178>

**Amuzza Aylla Pereira dos Santos**

Universidade Federal de Alagoas.  
Programa de Pós-graduação em  
Enfermagem  
Maceió- Alagoas  
<http://lattes.cnpq.br/0788588063352225>

**Bárbara Maria Gomes da Anunciação**

Centro Universitário Cesmac  
Maceió- Alagoas  
<http://lattes.cnpq.br/7179104578707502>

**Jéssica Kelly Alves Machado da Silva**

Universidade Federal de Alagoas  
Maceió- Alagoas  
<http://lattes.cnpq.br/3062671309662889>

**Dayse Carla Alves Pereira Sales**

Universidade Federal de Alagoas  
Maceió- Alagoas  
<http://lattes.cnpq.br/3123803794538053>

**Kariane Omena Ramos Cavalcante**

Universidade Federal de Alagoas.  
Programa de Pós-graduação em  
Enfermagem  
Maceió, Alagoas, Brasil  
<http://lattes.cnpq.br/9567487446747783>

**Núbia Vanessa da Silva Tavares**

Universidade Federal de Alagoas  
Maceió-Alagoas  
<http://lattes.cnpq.br/5264102953341351>

**Nathalia Lima da Silva**

Universidade Federal de Alagoas  
Maceió- Alagoas  
<http://lattes.cnpq.br/5154092594229382>

**RESUMO:** **Objetivo:** Identificar o uso/abuso dos medicamentos psicotrópicos por mulheres encarceradas no ambiente prisional. **Método:** Trata-se de um estudo do tipo descritivo, exploratório com abordagem quantitativa. A pesquisa foi realizada em um estabelecimento prisional localizado em Maceió, Alagoas. Participaram do estudo 151 mulheres, a coleta de dados foi realizada no período de outubro/2017 a janeiro/2019, sendo aprovado pelo CEP/UFAL, sob o CAAE no 57990816.7.0000.5013. **Resultados:** Evidenciou-se que 45,03% das mulheres fazem uso de medicamentos psicotrópicos dentro do ambiente prisional, o medicamento mais utilizado por essas mulheres é o diazepam com um percentual de 30,88%. **Conclusão:** As mulheres fazem uso de psicotrópico de maneira

indiscriminada, o que acaba prejudicando a saúde delas dentro e posteriormente fora do cárcere, com isso, é necessário sensibilizar os gestores e equipe de saúde na assistência às mulheres encarceradas provendo uma ressocialização efetiva.

**PALAVRAS-CHAVE:** Enfermagem; mulheres; prisões; saúde.

## USE/ABUSE OF PSYCHOTROPIC DRUGS IN INCARRIED WOMEN

**ABSTRACT:** Objective: to identify the use/abuse of psychotropic drugs by women incarcerated in the prison environment. Method: This is a descriptive, exploratory study with a quantitative approach. The survey was conducted in a prison facility located in Maceió, Alagoas. 151 women participated in the study, data collection was carried out from October/2017 to January/2019, being approved by CEP/UFAL, under CAAE No. 57990816.7.0000.5013. Results: It was evidenced that 45.03% of women use psychotropic medication within the prison environment, the most used medication by these women is diazepam with a percentage of 30,88%. Conclusion: Women use psychotropic indiscriminately, it is necessary to sensitize managers and the health team in assisting incarcerated women, providing an effective resocialization.

**KEYWORDS:** Nursing; women; prisons; health.

## INTRODUÇÃO

No Brasil existem 1.507 unidades prisionais cadastradas no Departamento de Penitenciárias, dentro dessas unidades estão 37.828 mulheres privadas de liberdade no Brasil, nas quais 36.612 mulheres são mantidas em unidades administradas pelas Secretarias Estaduais. Existem ainda mulheres que estão privadas de liberdades em delegacias e outras unidades de custódia administradas pelos 26 estados da federação, um total de 1.216 mulheres (MINISTÉRIO DA JUSTIÇA, 2017).

O número entre a quantidade de mulheres privadas de liberdade e a quantidade populacional do país, resulta na taxa de mulheres privadas de liberdade no país. Até meados do ano de 2017 o Brasil registrou 35,52 mulheres presas para cada 100 mil mulheres, 37,67% das mulheres presas no Brasil são presas em regime provisórios, que são mulheres não condenadas pela justiça, seguidos de 36,21% composta por presas sentenciadas em regime fechado e 16,87% presas sentenciadas em regime semiaberto, relacionada aos motivos que levam as mulheres a adentrarem no sistema prisional, os crimes mais tentados e consumados, registrados foram principalmente crime de tráfico de drogas, chegando a ser o maior responsável pelas prisões de mulheres, com um total de 59,90% dos crimes, seguido pelos roubos, totalizando 12,90% das prisões, o crime de furto com 7,80% dos crimes (MINISTÉRIO DA JUSTIÇA, 2017).

Dentro do ambiente prisional, a vivência contribui para que seja provocado muitos sentimentos na pessoa humana, como medo, ansiedade, solidão, angústia, tristeza e revolta, sentimentos que desencadeiam o estresse e a depressão, situações cotidianas que acabam afetando a saúde mental, pois essas pessoas passam a fazer o uso indevido de

medicamentos controlados, ficam expostas à violência, iniciam distúrbios do sono, através de todas as normas e rotinas coercitivas, o tempo ocioso, falta de visita íntima, além da quebra do laço familiar, principalmente com relação aos filhos (SCHULTZ et. al., 2020).

A palavra prisão, remete a um espaço onde os direitos são mínimos, na realidade do cárcere no Brasil, existe um cenário de superlotação, infraestrutura precária, e acesso à saúde e educação deficiente. No que tange às prisões femininas a realidade é ainda mais preocupante, dentro do cárcere a mulher sofre com todo o descaso parental e do Estado, de maneira que o ambiente não comporta as particularidades, e as políticas públicas de ressocialização ainda estão imaturas na tangente da assistência a mulher privada de liberdade. Dessa maneira, o processo de gera maior vulnerabilidade de reincidência, e, conseqüentemente um total fracasso da pretendida reinserção social (LOPES, 2019).

Diante disso, o presente trabalho se justifica na necessidade de identificar o uso dos medicamentos psicotrópicos dentro do sistema prisional, e os motivos para o uso dele, bem como identificar os riscos de transtornos causados por esses fármacos, ou a sua dependência, a fim de suprir as reais necessidades dessas mulheres quanto a sua saúde mental.

Por conseguinte, o presente estudo se concentra, com o seguinte questionamento norteador: Por que as mulheres encarceradas usam/abusam de psicotrópicos no sistema prisional?

Para responder o questionamento, o estudo traz como objetivo identificar o uso/abuso dos medicamentos psicotrópicos por mulheres encarceradas no ambiente prisional.

## REFERENCIAL TEÓRICO

O que tange o encarceramento feminino, a situação dentro do sistema prisional é ainda mais delicada, pois não existe uma política que especifique o atendimento à mulher enquanto estiver privada de liberdade, que a considere como sujeito de direitos inerentes à sua condição de pessoa humana e muito particularmente às especificidades advindas das questões de gênero a população carcerária faz parte de um grupo vulnerável com agravos à saúde, ameaçada tanto pelo confinamento como pelos danos ocasionados ou favorecidos pelo uso de drogas como a maconha que afeta a memória em curto prazo e sua capacidade de concentração. Em longo prazo, produz efeitos físicos danosos, principalmente garganta e pulmões (GOMES, SILVA, 2021).

Os medicamentos psicotrópicos, dentro do ambiente prisional são utilizados para diversos propósitos, são úteis para a saúde dos presidiários bem como um suporte para os agentes do sistema prisional, é inegável que o uso de medicamentos psicotrópicos contribui para a reabilitação da saúde da pessoa privada de liberdade, todavia, é cada vez mais preocupante o movimento de medicamentação institucional (MAREGA et. al., 2020).

A Política Nacional de Saúde no Sistema Penitenciário (PNSSP), que foi instituída no ano de 2003, prevê, que é direito ao acesso a medicamentos, haja também a presença do profissional farmacêutico em todas as unidades prisionais do país, porém essa realidade não condiz com a realidade das unidades prisionais do país, dessa forma acaba prejudicando a eficiência da assistência farmacêutica, tão essencial nestes locais (MAREGA et. al., 2020).

Existe um uso excessivo de psicofármacos pelas mulheres privadas de liberdade, não existe um dado oficial, porém aproximadamente 70% das mulheres privadas de liberdade usam essa medicação principalmente por terem sintomas associados à ansiedade e depressão, na maioria das vezes a medicação é prescrita por um médico psiquiatra (FUZINATTO, DIAS, 2020).

A maioria das mulheres privadas de liberdade passam a consumir essas medicações quando adentram nas penitenciárias, como se fosse uma maneira de lidar com as questões que cercam a mulher dentro do cárcere, ou uma estratégia para lidar com um sofrimento que é produzido pelo ambiente do cárcere (FUZINATTO, DIAS, 2020).

Os medicamentos psicotrópicos, dentro do ambiente prisional são utilizados para diversos propósitos, são úteis para a saúde dos presidiários bem como um suporte para os agentes do sistema prisional, é inegável que o uso de medicamentos psicotrópicos contribui para a reabilitação da saúde da pessoa privada de liberdade, todavia, é cada vez mais preocupante o movimento de medicamentação institucional (MAREGA et. al., 2020).

O consumo dos psicotrópicos substâncias ultrapassa as avaliações diagnósticas da equipe de saúde, pois são solicitadas pelas próprias mulheres, ou pela equipe de saúde quando as mulheres estão em processo de sofrimento ou quando elas apresentam comportamento inadequado dentro da prisão (FUZINATTO, DIAS, 2020).

Portanto o medicamento psicotrópico é utilizado visando também a ordem no cárcere, e contribuem com a manutenção da segurança dos presídios, o acesso ao diagnóstico adequado das doenças psiquiátricas nas prisões bem como o acesso ao tratamento farmacológico e não farmacológico, os quais são essenciais nestas patologias. Vale ressaltar que é necessário que a questão voltada ao uso de medicamentos psicotrópicos dentro do cárcere, devem ser essencialmente uma condição médica, que não se relacionam com falha moral ou comportamento criminoso. Esta sem dúvida é uma distinção necessária e importante, para que se compreenda que pessoas com uma doença, independente do local em que estejam, devem ser tratadas e não punidas (MAREGA et. al., 2020).

## **METODOLOGIA**

Trata-se de um estudo do tipo descritivo, exploratório com abordagem quantitativa. O local para realização da pesquisa foi um estabelecimento prisional feminino, localizado no Estado de Alagoas. Participaram do estudo 151 mulheres que se encontram no

estabelecimento prisional feminino e que fazem uso de psicotrópicos. Foram excluídas do estudo as mulheres que apresentem algum déficit cognitivo ou comportamental diagnosticado que as impossibilite de responder aos formulários da pesquisa, por meio da entrevista. A coleta de dados foi realizada no período de outubro/2018 a janeiro/2019.

O estudo utilizou um formulário semiestruturado com perguntas abertas e fechadas, divididas em três grupos: dados sociodemográficos (idade, raça/cor, escolaridade, estado civil, naturalidade), dados gineco-obstétricas (menarca, sexarca, multiparidade, comportamento sexual, métodos contraceptivos, comportamento tabagista), e dados relacionados ao tema do estudo (tabagismo, uso de álcool, uso de drogas ilícitas, padrão de sono, uso de psicotrópico, acompanhamento do Centro de Atenção Psicossocial).

Os dados foram coletados em local que oferecia privacidade para que as mulheres pudessem falar sem precisar de escolta de agentes penitenciários (parlatório). As mulheres eram entrevistadas individualmente, colocadas no corredor do parlatório pelos agentes penitenciários, e chamadas individualmente. Esta pesquisa seguiu todos os conceitos éticos das resoluções 466/12 e 510/16, do Conselho Nacional de Saúde, sendo aprovado pelo Comitê de ética em pesquisa da Universidade Federal de Alagoas (CEP/UFAL), sob o CAAE no 57990816.7.0000.5013. Assim, o estudo foi desenvolvido e as participantes envolvidas na pesquisa foram esclarecidas quanto ao propósito da pesquisa. Após os esclarecimentos, as participantes do estudo assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), que informava os objetivos da pesquisa e assegurando o anonimato do participante. Os dados foram tabulados e analisados no programa Microsoft Office Excel 2013, e depois foram criados gráficos, colunas e tabelas visando melhor visualização dos resultados.

## RESULTADOS

### Dados socioeconômicos

Os dados socioeconômicos são representados na tabela 1, no qual possui as seguintes variáveis: Idade, trabalho, estado civil, raça/cor e grau de escolaridade, com isso foi encontrado o perfil socioeconômico das 151 mulheres privadas de liberdade entrevistadas

De acordo com a média da idade apresentada, as mulheres privadas de liberdade são em sua maioria, mulheres jovens com uma média de 31 anos, na qual a idade mínima é 18 anos e a máxima de 72 anos de idade, dessa forma o maior percentual de mulheres foi na faixa etária de 18 e 24 anos de idade, com um percentual de 35,76% (n=54 mulheres).

As questões relacionadas à prática de atividade laboral antes de ser privada de liberdade, concluíram que as atividades realizadas pelas mesmas eram de baixa remuneração, e a maioria das mulheres estava inseridas no mercado de trabalho de maneira autônoma, o percentual de mulheres que realizava qualquer tipo de atividade

laboral foi de 70,20% (n=106 mulheres).

Com relação, as informações relacionadas ao grau de escolaridade, mostra que a maioria das mulheres teve alguma barreira que fez com que não chegasse a concluir o nível básico de educação, com um percentual de 46,36% (n=70).

No que tange o estado civil dessas mulheres é importante ressaltar, que a maioria delas se considerava solteira, com um percentual de 68,21% (n=103), já em relação a etnia, a grande maioria se autodeclara parda, com um percentual de 66,89% (n=101). Em relação às mulheres que têm filhos, 75,50% (n=114) declarou já ser mãe.

<b>Variáveis</b>	<b>N(151)</b>	<b>(%)</b>
<b>IDADE</b>		
18-24	59	41,25%
25-29	23	16,08%
30-34	17	11,88%
35-45	22	15,38%
46-60	20	13,98%
61-70	2	1,39%
<b>ATIVIDADE LABORAL</b>		
SIM	106	70,20%
NÃO	45	29,80%
<b>GRAU DE ESCOLARIDADE</b>		
NÃO ALFABETIZADA	7	4,64%
ENSINO FUNDAMENTAL INCOMPLETO	70	46,36%
ENSINO FUNDAMENTAL COMPLETO	20	13,25%
ENSINO MÉDIO INCOMPLETO	26	17,22%
ENSINO MÉDIO COMPLETO	22	14,57%
ENSINO SUPERIOR INCOMPLETO	3	1,99%
ENSINO SUPERIOR COMPLETO	2	1,32%
NÃO INFORMA	1	0,66%
<b>ESTADO CIVIL</b>		
SOLTEIRA	103	68,21%
CASADA	38	25,17%
DIVORCIADA	1	0,66%
VIÚVA	9	5,96%
<b>RAÇA/COR</b>		
AMARELA	2	1,32%
PARDO	101	66,89%
BRANCO	25	16,56%
NEGRO	21	13,91%

<b>NÃO DECLARA</b>	2	1,32%
<b>FILHOS</b>		
<b>SIM</b>	114	75,50%
<b>NÃO</b>	37	24,50%

Tabela 1. Características das mulheres segundo as variáveis socioeconômicas, Maceió, 2019.

## Uso de drogas e psicotrópicos

A tabela abaixo apresenta dados referentes ao uso de drogas lícitas e ilícitas, bem como o uso de medicamentos psicotrópicos dentro do ambiente prisional. Nesse contexto, observou-se 60,26% (n=91) são tabagistas, que 45,03% (n=68) fazem uso de algum medicamento psicotrópico. E quando analisado qual o medicamento mais utilizado por essas mulheres, o diazepam se apresenta como o mais utilizado com um percentual de 30,88% (n=21).

Variáveis	N(151)	(%)
<b>TABAGISMO</b>		
<b>SIM</b>	91	60,26%
<b>NÃO</b>	60	39,74%
Variáveis	N(91) <sup>i</sup>	(%)
<b>INÍCIO DO TABAGISMO NO AMBIENTE PRISIONAL</b>		
<b>SIM</b>	18	19,78%
<b>NÃO</b>	73	80,21%
<b>ÂNSIA DEPRATICAR O TABAGISMO DENTRO DO AMBIENTE PRISIONAL</b>		
<b>SIM</b>	79	86,81%
<b>NÃO</b>	12	13,19%
Variáveis	N(151)	(%)
<b>USO DE DROGAS</b>		
<b>SIM</b>	66	43,71%
<b>NÃO</b>	85	56,29%
Variáveis	N(66) <sup>ii</sup>	(%)
<b>TIPO DE DROGA MAIS UTILIZADA</b>		
<b>LOLÓ</b>	5	7,57%
<b>MACONHA</b>	37	56,06%
<b>COCAÍNA</b>	10	15,15%
<b>COLA</b>	3	4,54%
<b>TINE</b>	3	4,54%
<b>CRACK</b>	1	1,51%

TODOS OS TIPOS DE DROGAS	7	10,60%
Variáveis	N(151)	(%)
<b>USO DE MEDICAMENTOS PSICOTRÓPICOS</b>		
SIM	68	45,03%
NÃO	83	54,97%
Variáveis	N(68) <sup>III</sup>	(%)
<b>PSICOTRÓPICO MAIS</b>		
<b>UTILIZADA</b>		
CLONAZEPAM	13	19,12%
DIAZEPAM	21	30,88%
FLUOXETINA	3	4,41%
AMYTRIL	15	22,06%
LEVOZINE	1	1,47%
HADOL	4	5,88%
GARDENAL	1	1,47%
AMPLICTIL	6	8,82%
NÃO LEMBRA	4	5,88%

<sup>I</sup> Número relativo ao quantitativo de acordo somente com as mulheres que são tabagistas.

<sup>II</sup> Número relativo ao quantitativo de acordo somente com as mulheres que já utilizaram alguma droga antes de serem privadas de liberdade.

<sup>III</sup> Número relativo ao quantitativo de acordo somente com as mulheres que fazem uso de psicotrópico

Tabela 2. Variáveis relacionadas ao uso de drogas lícitas e ilícitas em mulheres privadas de liberdade, Maceió, 2019.

## DISCUSSÃO

Diante da análise dos dados que geraram os resultados dessa pesquisa, foi identificado que as mulheres que estão privadas de liberdade são mulheres jovens em sua maioria, com grau de escolaridade baixo, com atividade laboral de remuneração baixa e de etnia parda ou negra.

O perfil socioeconômico das mulheres privadas de liberdade tem uma predominância de reeducandas que se autodeclaram pardas, com faixa etária entre 18 e 31 anos, ensino fundamental incompleto, donas de casa, solteiras, com até 4 filhos (GRAÇA et. al., 2018), o que corrobora com a pesquisa, na qual a maioria das mulheres privadas de liberdade é principalmente jovens, pardas e negras, de nível educacional baixo, e exercem uma atividade laboral com baixo nível de remuneração, demonstrando que as mulheres privadas de liberdade pertencem a classe extremamente vulnerabilidade, e que tem dificuldades no acesso a saúde e educação, bem como, as políticas sociais, e conseqüentemente são mulheres que tem pouco qualidade de vida.

Dentro do ambiente prisional as mulheres chegam até a fumar mais do que fora do

sistema, ou seja, o ambiente acaba sendo um fator que potencializa esse vício, umas até chegam a dizer que dentro do ambiente prisional fumam mais carteiras de cigarro do que fumavam fora, pois é uma forma de passar o tempo dentro da prisão.

A alta taxa de tabagismo, envolve diversos fatores, pois as mulheres privadas de liberdade que já trazem o hábito antes de adentrar no sistema prisional, consomem ainda mais o tabaco dentro do ambiente prisional, o que acaba sendo um refúgio para tranquilizar essas mulheres ou até mesmo passar o tempo ocioso dentro da prisão, com isso, o uso do tabaco pode ocasionar problemas de saúde a curto e longo prazo na vida dessas mulheres, como demonstra um outro estudo realizado na cidade do Rio de Janeiro, no qual aponta que o tabagismo está presente no dia-dia das mulheres privadas de liberdade, ocasionando diversos problemas de saúde para elas como aumento da hipertensão, problemas cardíacos dentre outros (SCHULTZ et. al., 2020). Vale ressaltar que antes de adentrarem no sistema prisional as mulheres sofrem com as dificuldades no acesso às políticas de controle do tabagismo, bem como, a políticas de redução de danos, pois as mulheres usuárias de drogas seja lícita ou ilícitas, não encontram apoio nas instituições de saúde para que esse hábito seja modificado, demonstrando assim uma ausência da atenção psicossocial para que elas possam ter a oportunidade de ajuda para deixarem ou até mesmo reduzir o consumo dessas drogas (GRAÇA et. al., 2018).

Já no que diz respeito ao uso de drogas ilícitas em mulheres antes de adentrarem no ambiente prisional, acaba sendo uma realidade no cotidiano fora do cárcere, e leva marcas na vida dentro do cárcere de forma que por muitas vezes, o uso excessivo dessas substâncias de maneira corriqueira é capaz de causar abstinência quando a usuária tem o desmame abrupto da droga, dessa forma essa mulher que agora está no sistema prisional, muitas vezes pelo porte da droga, acaba vivenciando crises de abstinência pela falta da droga no ambiente prisional, com que muitas vezes leva ao desenvolvimento de transtornos que precisem utilizar medicamentos para seu controle (LIMA, 2019).

Nesse contexto, observa-se que as mulheres vivem em sua maioria em situação de pobreza, são vistas a margem da sociedade pelos delitos cometidos e sofrem com o encarceramento, e a sua prisão raramente consegue fazer o desmonte dos mercados ilegais de droga, ou melhorar a qualidade da segurança pública. A prisão dessas mulheres na maioria dos casos acaba gerando dificuldade no acesso aos meios de trabalhos legais, o que leva a uma manutenção da condição financeira defasada e ao envolvimento com as drogas repetidamente, sem contar que muitas estão no cárcere por transportarem drogas com seus companheiros e se submeterem ao mundo do crime (SANTORO, PEREIRA, LARA, 2018).

Para fugir dessas e de outras situações essas mulheres acabam fazendo uso diariamente dos psicotrópicos para levarem uma vida “normal” dentro do cárcere, fármacos esses que são utilizados para acalmar, fazer com que o indivíduo consiga dormir ou até mesmo controlar suas emoções, somados a isso e a diversos fatores que o ambiente do

cárcere é capaz de proporcionar, como por exemplo, afastamento da família, o abandono do parceiro, o uso dos fármacos psicotrópicos, está relacionado a múltiplos fatores que envolvem a capacidade de lidar com o sofrimento produzido pela própria condição de privação de liberdade (FUZINATTO, DIAS, 2020).

Assim, a introdução do psicotrópico acaba sendo uma maneira das mulheres sobreviverem dentro cárcere, muitas delas fazem uso do medicamento sem prescrição médica, pois fazem barganha por serviços dentro do cárcere, conseguindo dessa forma o acesso mais rápido ao psicotrópico. Além disso, as mulheres que dispõem de prescrição para uso, não apresentam um real diagnóstico, não existe uma avaliação psiquiátrica, para que esses psicofármacos sejam prescritos. Observa-se ainda, que o consumo dos psicotrópicos ultrapassam as avaliações diagnósticas da equipe de saúde, pois são solicitadas pelas próprias mulheres, ou pela equipe de saúde quando as mulheres estão em processo de sofrimento ou quando elas apresentam comportamento inadequado dentro da prisão (FUZINATTO, DIAS, 2020).

O consumo excessivo desses medicamentos, acontecem por conta das dificuldades na assistência à saúde, os problemas presentes no cotidiano da prisão e a ausência de contato com familiares, acabam aumentando o uso dessas medicações psicotrópicas. Com isso, é possível identificar que as mulheres privadas de liberdade têm ânsia para fazer uso dos psicotrópicos, pois na visão delas o uso dessas medicações consegue proporcionar tranquilidade e ajuda a passar o tempo mais rápido dentro do sistema prisional (GRAÇA, DIAS, 2018).

A medicalização com psicotrópicos, é utilizada para além da sua função principal dentro do cárcere, os psicotrópicos são utilizados de acordo com as necessidades não só das pessoas privadas de liberdade, mas também leva benefícios aos agentes penitenciários, e que de fato a prescrição do medicamento é de extrema importância para a manutenção da saúde do reeducando quando prescrita e utilizada de maneira correta (GRAÇA, DIAS, 2018), entretanto, a medicalização permanente, no qual a prescrição visa a manutenção da ordem do sistema penitenciário, tem consequências a longo prazo (MAREGA, 2020).

Dentro do sistema prisional o trabalho vai além de ocupação do tempo ocioso, mas é utilizado também para a manutenção da ordem e segurança na prisão (FELISBERTO, AMORIM, 2019). Todavia, a realização de uma atividade dentro do sistema prisional, desde que seja orientada respeitando a sua aptidão e capacidade, é capaz de oferecer a valorização enquanto ser humano e a concretização de sua dignidade. Ademais, essas atividades possibilitam que a pessoa privada de liberdade se prepare para sua vida futura fora do cárcere, como cidadão capaz de colaborar com a sociedade produtiva da qual foi retirado, além de estimular mudanças de hábito para vida toda (SILVA, 2018).

No que tange às visitas recebidas pelas mulheres no EPFSL, é possível identificar que são poucas as reeducandas que recebem a visita dos seus familiares e o que faz com que essas mulheres fiquem ainda mais ansiosas e com sentimentos de angústia durante a

privação de liberdade. Não é somente o prejuízo material, mas também as mulheres que não recebem visita entram em quadros de angústia e sofrimento psíquico, a ausência da família é um dos maiores problemas vivenciados por essas mulheres, muitas dessas mulheres associam o uso do psicotrópico ao fato da ausência familiar, o uso de medicamentos no dia das visitas para que o tempo passe mais depressa, ou para suportar a saudade dos familiares no difícil cotidiano de uma prisão (ALMEIDA, CASTRO, 2019).

É necessário que todos compreendam que as doenças psiquiátricas e o uso do medicamento psicotrópico nas instituições prisionais são fundamentalmente para uma condição médica, e não se relaciona com falha moral ou comportamento criminoso (MAREGA et. al., 2020). Isso é, sem receio, uma distinção importante e necessária, para que seja compreendido que pessoas com transtornos, independente do local em que estejam, devem ser tratadas e não punidas, buscando diminuir assim as vulnerabilidades e iniquidades a que estão expostas, minimizando os riscos para sua saúde e qualidade de vida (GRAÇA, DIAS, 2018).

## CONCLUSÃO

O presente estudo identificou que as mulheres fazem uso de psicotrópico de maneira indiscriminada, e que esse abuso de medicamentos psicotrópicos é na realidade um reflexo do contexto no qual essas mulheres estão inseridas antes de serem privadas de liberdade e essas vulnerabilidades são potencializadas dentro do ambiente prisional.

Dessa forma é possível identificar que tal problemática é apenas uma parte de um todo que pode ser visualizado como vulnerabilidade social, falta de acesso à saúde, educação de baixa qualidade e baixa perspectiva de vida.

Por fim, é necessário sensibilizar os gestores e equipe de saúde na assistência às mulheres encarceradas provendo oportunidade efetiva, focando em um acesso à saúde dentro do cárcere, oportunizando ações que façam a (re)inserção na sociedade de forma efetiva e diminuindo os índices de reincidência, bem como mudanças de hábitos que ajudem a melhorar a qualidade de vida e saúde.

## REFERÊNCIAS

Almeida SM, Castro PA. **Etnografia de mulheres privadas de liberdade: a medicalização e o isolamento como formas de controle dos corpos.** RIAE [Internet] 2019; 5(1): 103-107 [cited 2021 Jun 18]. Available from: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/riae/article/view/38349>

Felisberto KSG, Amorim MI. **Representação social do trabalho em uma penitenciária do sul de Santa Catarina: o papel do trabalho na ressocialização do apenado.** Psicologia, Tubarão [Internet] 2019. [cited 2021 Jun 18]. Available from: <https://www.riuni.unisul.br/handle/12345/8778?locale-attribute=en>

Fuzinato AM, Dias MTG. **Mulheres, Drogas e Prisões: A população feminina privada de liberdade na região metropolitana de Porto Alegre/RS.** Anais do encontro internacional e nacional de política social. [Internet] 2020; 1(1). [cited 2021 Jun 18]. Available from: <https://periodicos.ufes.br/einps/article/view/33392>

Gomes DFC, Silva SP. **A saúde apesar do sistema prisional: relato sobre a atenção à saúde na penitenciária feminina Consuelo Nasser – Aparecida Goiânia.** RBEP [Internet] 2021;2(1):63-87. Available from: <http://rbepdepen.depen.gov.br/index.php/RBEP/article/view/247>

Graça BC, Mariano MM, Gusmão MAJX, Cabral JF, Nascimento VF, Hattori TY, et al. **Dificuldade das mulheres privadas de liberdade no acesso aos serviços de saúde.** RBPS [Internet] 2018; 31(2). [cited 2021 Jun 18]. Available from: <https://periodicos.unifor.br/RBPS/article/view/7374/0>

Lima SS. **O cuidado aos usuários de droga em situação de privação de liberdade.** Physis: Rev. Saúde Col. [Internet] 2019; 29(3): p.e290305. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0103-73312019290305>

Lopes CS. **A invisibilidade das mulheres nos sistemas prisionais: o cárcere como agravante das desigualdades de gênero.** Trabalho de conclusão de curso, Universidade Federal do Rio Grande do Norte; 2019. [cited 2021 Jun 18]. Available from: <http://repositorio.furg.br/handle/1/9338>

Marega G, Tacyany V, Shima B, Teston APM. **O uso de psicofármacos no sistema prisional: um trabalho de revisão.** Braz. J. Dev. [Internet] 2020; 6(10): 79888-79905. DOI:<https://doi.org/10.34117/bjdv6n10-422>

Ministério da justiça e segurança pública (Br). **Relatório temático sobre mulheres privadas de liberdade.** Brasília (DF): Ministério da justiça e segurança pública; 2018 [cited 25 out 2018]. Available from: <http://depen.gov.br/DEPEN/depen/sisdepen/infopen-mulheres/copyofInfopenmulheresjunho2017.pdf>

Ministério da Justiça. **Levantamento Nacional de Informações Penitenciárias:** Departamento Penitenciário [Internet] 2017; acesso 2021 Jun 18. Disponível em: <http://dados.mj.gov.br/dataset/infopen-levantamento-nacional-de-informacoes-penitenciarias>.

Ministério da saúde (Br). **Cartilha do Plano Nacional de Saúde no Sistema Penitenciário (PNSSP).** Brasília: Departamento de Ações Programáticas Estratégicas. 2004 [cited 25 out 2018]. Available from: [http://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/cartilha\\_pnssp.pdf](http://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/cartilha_pnssp.pdf).

Ministério da Saúde (Br). **Legislação em saúde no sistema penitenciário.** Brasília: Ministério da Saúde. 2010 [cited 25 out 2018]. Available from: [http://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/%20legislacao\\_sau%20de\\_si%20stema\\_penitenciario.pdf](http://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/%20legislacao_sau%20de_si%20stema_penitenciario.pdf)

Santorio AER, Pereira ANA, Lara MB. **Gênero e prisão: O encarceramento de mulheres no sistema penitenciário brasileiro pelo crime de tráfico de drogas.** FUMEC [Internet] 2018; 13(1). DOI: <https://doi.org/10.46560/meritum.v13i1.5816>

Schultz ALV, Dotta RM, Stock BS, Dias MTG. **Limites e desafios para o acesso das mulheres privadas de liberdade e egressas do sistema prisional nas Redes de Atenção à Saúde.** Physis: Rev. Saúde Col. [Internet] 2020;30(03). DOI: <https://doi.org/10.1590/S0103-73312020300325>.

Silva AK. **O trabalho e estudo como instrumentos de ressocialização do preso e direito de remição da pena na Unidade Prisional de Ceres – Goiás.** Trabalho de conclusão de curso, Faculdade Evangélica de Rubiataba; 2018. [cited 2021 Jun 18]. Available from: <http://repositorio.aee.edu.br/jspui/handle/aee/17663>

**BENEDITO RODRIGUES DA SILVA NETO** - Possui graduação em Ciências Biológicas com especialização na modalidade Médica em Análises Clínicas/Microbiologia pela Universidade do Estado de Mato Grosso e Universidade Candido Mendes – RJ, respectivamente. Obteve seu Mestrado em Biologia Celular e Molecular pelo Instituto de Ciências Biológicas (2009) e o Doutorado em Medicina Tropical e Saúde Pública pelo Instituto de Patologia Tropical e Saúde Pública (2013) da Universidade Federal de Goiás (UFG). Tem Pós-Doutorado em Genética Molecular com habilitação em Genética Médica e Aconselhamento Genético. O segundo Pós doutoramento foi realizado pelo Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Ciências Aplicadas à Produtos para a Saúde da UEG (2015), com concentração em Genômica, Proteômica e Bioinformática e período de aperfeiçoamento no Institute of Transfusion Medicine at the Hospital Universitätsklinikum Essen, Germany. Seu terceiro Pós-Doutorado foi concluído em 2018 na linha de bioinformática aplicada à descoberta de novos agentes antifúngicos para fungos patogênicos de interesse médico. Possui ampla experiência nas áreas de Genética médica, humana e molecular, atuando principalmente com os seguintes temas: Genética Médica, Engenharia Genética, Micologia Médica e interação Patogeno-Hospedeiro. O Dr. Neto é Sócio fundador da Sociedade Brasileira de Ciências aplicadas à Saúde (SBCSaúde) onde exerce o cargo de Diretor Executivo, e idealizador do projeto “Congresso Nacional Multidisciplinar da Saúde” (CoNMSaúde) realizado anualmente desde 2016 no centro-oeste do país, além de atuar como Pesquisador consultor da Fundação de Amparo e Pesquisa do Estado de Goiás - FAPEG. Atualmente participa de dois conselhos editoriais e como revisor de cinco revistas científicas com abrangência internacional. Na linha da educação e formação de recursos humanos, em 2006 se especializou em Educação no Instituto Araguaia de Pós graduação Pesquisa e Extensão, atuando como Professor Doutor de Habilidades Profissionais: Bioestatística Médica e Metodologia de Pesquisa e Tutoria: Abrangência das Ações de Saúde (SUS e Epidemiologia), Mecanismos de Agressão e Defesa (Patologia, Imunologia, Microbiologia e Parasitologia), Funções Biológicas (Fisiologia Humana), Metabolismo (Bioquímica Médica), Concepção e Formação do Ser Humano (Embriologia Clínica), Introdução ao Estudo da Medicina na Faculdade de Medicina Alfredo Nasser; além das disciplinas de Saúde Coletiva, Biotecnologia, Genética, Biologia Molecular, Micologia e Bacteriologia nas Faculdades Padrão e Araguaia. Como docente junto ao Departamento de Microbiologia, Parasitologia, Imunologia e Patologia do Instituto de Patologia Tropical e Saúde Pública da UFG desenvolve pesquisas aprovadas junto ao CNPq. Na Pós-graduação Lato Senso implementou e foi coordenador do curso de Especialização em Medicina Genômica e do curso de Biotecnologia e Inovações em Saúde no Instituto Nacional de Cursos, e atualmente coordena a especialização em Genética Médica, diagnóstico clínico e prescrição assim como a especialização em Medicina Personalizada aplicada à estética, performance esportiva e emagrecimento no Instituto de Ensino em Saúde e Educação. Na área clínica o doutor tem atuado no campo da Medicina personalizada e aconselhamento genético, desenvolvendo estudos relativos à área com publicações relevantes em periódicos nacionais e internacionais.

**A**

Adenovírus 52, 53, 54, 55, 57, 58, 59, 60, 61, 62, 63

Adesão 104, 105, 106, 109, 110, 111, 112, 172, 173, 177

Adolescente 1, 2, 7, 8, 9, 10, 204

Anomalias congênitas 156, 157, 158, 159, 160, 161, 162, 163, 164, 165

APH 13, 14, 15, 16, 17, 19, 20, 21, 26, 27, 31, 36, 192

Asma 134, 135, 136, 141, 142, 145, 146, 148, 151, 152, 153, 154, 177, 179, 180, 181, 182, 183, 185, 186, 189

Assistência integral à saúde 64

Atendimento pré-hospitalar 13, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 21, 22, 26, 27, 29, 31, 34, 35, 36, 192, 197

Atividade física 104, 105, 106, 109, 110, 111, 112, 113, 115

Autonomia profissional 64, 70, 72, 80

**B**

Biomarcador 39, 45, 46, 47

Brasil 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 11, 14, 18, 22, 27, 28, 32, 33, 36, 38, 64, 65, 75, 80, 81, 82, 83, 88, 89, 91, 95, 97, 98, 102, 104, 105, 109, 111, 113, 117, 120, 121, 122, 123, 125, 126, 127, 128, 133, 134, 135, 136, 145, 146, 149, 152, 153, 155, 156, 157, 158, 159, 160, 161, 162, 163, 164, 177, 178, 180, 183, 184, 188, 204, 206, 207, 208

**C**

CEC cabeça e pescoço 39

Choque hemorrágico 22, 27, 30, 31, 33, 36, 194

Covid-19 83, 84, 85, 86, 87, 88, 89, 90, 91, 92, 93, 94, 95, 96, 97, 98, 99, 100, 101, 102, 103, 134, 152, 172, 177, 178, 179, 180, 181, 183, 184, 185, 186, 187, 188, 189, 190

**D**

Datasus 157, 158

**E**

Educação 1, 2, 3, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 20, 22, 28, 71, 78, 80, 81, 88, 109, 113, 117, 122, 172, 188, 197, 208, 211, 213, 216

Educação em saúde 1

Educação sexual 1, 2, 3, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12

Enfermagem 18, 29, 67, 72, 73, 74, 80, 81, 82, 83, 111, 116, 125, 190, 206, 207

Epidemiologia 52, 57, 154, 157, 164, 218

Equipe de assistência ao paciente 64

Estudos de caso único como assunto 177

## F

Ferramentas APH 14

## G

Gamificação 172, 173, 174

Genes do Tumor de Wilms 200

Grupos focais 64, 81

## H

HAdV 52, 53, 55, 57, 58, 59, 60, 61, 62

Hemorragia 20, 21, 22, 23, 24, 26, 27, 32, 34, 170, 191, 192, 193, 194, 195

Hérnia incisional 166, 167, 168, 169, 170, 171

Hipertensão arterial sistêmica 104, 105, 111, 168, 183, 189

## I

Infecções por coronavírus 177

Inflamação aguda 175, 176

Instituições acadêmicas 1

Isquemia 168, 175, 176

## L

Leiomioma 166, 167, 168, 169, 171

## M

Medicina 1, 2, 15, 18, 19, 20, 21, 27, 28, 30, 31, 36, 38, 78, 82, 104, 110, 111, 127, 134, 148, 150, 151, 154, 155, 156, 172, 173, 175, 191, 192, 193, 194, 197, 200, 204, 218

Metástase 45, 47, 200

Metodologias ativas 20, 172, 173

Minorias sexuais e de gênero 83, 87

Modalidades de Fisioterapia 177

Mulheres 8, 64, 68, 69, 85, 91, 97, 99, 102, 112, 116, 117, 118, 119, 120, 121, 122, 123, 124, 125, 126, 132, 206, 207, 208, 209, 210, 211, 212, 213, 214, 215, 216, 217

**N**

Neoplasias 136, 139, 170, 171, 200, 201, 203

Neoplásica 200

**P**

PHTLS 19, 20, 21, 23, 27, 28, 31, 35, 36, 197

Politrauma 20, 31, 32

Prisões 116, 117, 207, 208, 209, 217

Projeto 218

Projeto de extensão 20

**S**

Saco herniário 167, 168, 169, 171

Saúde 1, 2, 1, 2, 3, 7, 8, 9, 11, 12, 13, 14, 15, 17, 18, 19, 21, 22, 27, 28, 36, 40, 52, 59, 64, 65, 66, 67, 68, 69, 70, 71, 72, 74, 75, 77, 79, 80, 81, 83, 84, 85, 86, 87, 88, 89, 90, 91, 92, 93, 97, 98, 99, 100, 101, 102, 104, 109, 111, 112, 113, 117, 118, 119, 122, 124, 125, 126, 130, 132, 136, 139, 148, 149, 150, 151, 152, 153, 154, 155, 158, 163, 164, 165, 177, 178, 179, 180, 183, 185, 188, 189, 190, 192, 194, 196, 207, 208, 209, 210, 213, 214, 215, 216, 217

Saúde Escolar 1

Segurança do paciente 64, 71, 72, 79

Sexualidade 1, 2, 3, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 88

snoRNAs 39, 40, 41, 42, 43, 44, 46, 47, 48, 50, 51

Sono 116, 117, 118, 119, 121, 122, 123, 124, 125, 208, 210

Stop The Bleed 19, 20, 22, 27, 191, 192, 193, 194, 197

**T**

Tecnologias em saúde 14

Transplante 53, 60, 149, 176

**V**

Vírus 52, 53, 55, 58, 59, 61, 62, 85, 88, 101, 158, 163, 164, 172, 178, 183, 184

Vulnerabilidade em saúde 83, 84, 87

# A MEDICINA VOLTADA À PROMOÇÃO DA SAÚDE E DO BEM-ESTAR 2

🌐 [www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br)

✉ [contato@atenaeditora.com.br](mailto:contato@atenaeditora.com.br)

📷 @atenaeditora

📘 [www.facebook.com/atenaeditora.com.br](http://www.facebook.com/atenaeditora.com.br)



# A MEDICINA VOLTADA À PROMOÇÃO DA SAÚDE E DO BEM-ESTAR 2

 [www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br)

 [contato@atenaeditora.com.br](mailto:contato@atenaeditora.com.br)

 @atenaeditora

 [www.facebook.com/atenaeditora.com.br](http://www.facebook.com/atenaeditora.com.br)

